

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*Folha de Londrina*

Class.:

Data:

*03.02.90*

Pg.:

### A consciência cósmica dos Yanomani

Jorge Baleeiro de Lacerda

A visita, durante alguns dias, de dois norte-americanos ("brazilianists") à minha casa, impediu-me de fazer, neste jornal, uma reflexão sobre as palavras de Marcelo Yanomani (índio "a: turado". Por favor, não diss: "aculturado exótico", à maneira do brigadeiro Délio Jardim de Mattos). É curioso que em quase cinco séculos de extermínio do silvícola, em milhares de páginas, quicá milhões, nenhum autor (nem mesmo Levy-Strauss em "O Pensador Selvagem") haja levantado o problema da consciência cósmica do índio, da filosofia ágrafa do índio, infusa em cada momento de sua vida, e da possibilidade natural, já que tem potencial de inteligência inexplorado, de crescimento de seus anseios vitais, quer no plano material, quer no cultural (aqui no sentido mais restrito de valores não físicos). O que disse Marcelo Yanomani à "Veja" e, se não engano, a "Folha de Londrina" comentou, é muito sério e deveria levar etnólogos, antropólogos e missionários (quaisquer que sejam) a uma profunda reavaliação do papel dessas classes junto às comunidades atávicas. Seria bom saber se tudo o que dizem e querem os "entendidos" em índio está em consonância com a visão cósmica do índio. Quem dos grandes nomes da Etnologia e da Antropologia conseguiu de maneira profunda, através do conhecimento da língua tribal (e são tantas; índio é denominação genérica; são centenas de nações, ao longo de nossa história) saber o que pensa o índio sobre a vida, sobre futuro, sobre família, sobre melhoria de vida (há esse conceito melho-

rar de vida nas sociedades atávicas-ágrafas?). O que poderia Levy-Strauss em meia dúzia de dias, em épocas diferentes, saber sobre tais temas se mal dominava o português, quanto mais línguas indígenas. Agora mesmo, nos States, estão questionando algumas das teses de Margareth Mead, que teria "floreado" muita coisa. É preciso muita humildade por parte da comunidade científica no entendimento dos anseios do índio. Quando Marcelo Yanomani falou sobre o desejo de seus irmãos de tribo "quere-rem mais", de participar da comunidade branca com seus valores (para eles desconhecidos na maioria) é preciso sensibilidade. Quem teria o direito de negar ao silvícola, ainda em estágio primitivo de civilização, quando ele mesmo deseja, caso de Marcelo, os paradoxais avanços da sociedade moderna não-índia? Nada de discussão radical. Não me esqueço do que relatavam nossos avoengos (que chegaram ao Alto Solimões nos idos de 1850, quando Tucú ainda se chamava Ega), aos filhos e netos e a nós chegou pela tradição oral, sobre o convívio dos brancos com índios nas fazendas dos Baleeiro. Hoje, em Belém e Manaus, no Rio e em São Paulo, há descendentes de índios do Alto Solimões em cargos (dizem até que Almino Affonso tem, pelo lado materno, sangue índio). O que é um orgulho. Honro-me, também do sangue índio, ainda que em pequena dose, que tenho. É possível que num momento qualquer no Alto Solimões, alguma índia ou índio tenha se rebelado do seu universo tribal e se inserido "per coito" em nossa

família. É a busca permanente do novo, como o homem deste planeta certamente não resistirá ao assédio de alguma beldade extraterrestre, ou os de outra galáxia que deseje se integrar à família dos terráqueos.

Não é ficção! É levantamento de hipóteses! É preciso que o homem esteja aberto ao entendimento da angústia dos índios quando postos ao lado do branco. (O que é irremediável? Ou farão "redomas" do Xingu, em Roraima, no Paraná). O avanço da sociedade branca gera revolução no conceito elementar, por certo, que o índio tem sobre a vida, daí a imensa responsabilidade de os entendidos, dos que se julgam sabedores da vida tribal mais do que os próprios tribais, perguntarem aos índios mais esclarecidos como Marcelo Yanomani: se desejam uma transformação. É preciso que alguém se candidate a escrever sobre a consciência cósmica do índio, seus anseios, seus desejos extra matas da aldeia.

Não existe ainda uma antropologia filosófica indígena para que afirmações como a de Marcelo Yanomani sejam entendidas na sua plenitude. O índio quer apito para comandar seu próprio destino, sem as interpretações complexas de Strauss, de Mead, de Boas, de Gordon, dentre tantos (e de Darcy Ribeiro que, há 40 anos usa o índio sem jamais ter voltado às aldeias, como no tempo que era do SPI e trabalhava no Maranhão, entre os Urububaapor). "Índio não quer ser bicho-do-mato", diz Yanomani. É tema para muita discussão. (O autor é estudioso dos problemas indígenas e reside em Francisco Beltrão-PR)